



# ALBUQUERQUE

PREÇO \$50

Semanário

Composição—Impressão

RUA DA OLIVEIRA ao Carmo, 21

LISBOA

Director e proprietário — José Tavares

Editor — Silva Cruz: Redactor principal — Souza Carvalho

Administrador — Gonçalves Reis

Redacção e administração — Rua Alexandre Braga, J R C, 1.º

## De longe...

### Minha boa amiga

Como me assustei por tardar em responder-me! Tanto tempo, meu Deus!

Dias continuos esperei ansioso noticias suas, julgando a todo o momento ouvir na escada os passos do carteiro; mas qual, como poderia você escrever-me, lembrar-se do... de mim, se passeava satisfeita ao lado dele, dava festas, ía a chás, sempre nesse rodopiar constante que é a vida da sociedade?!

Sempre *ele* a intrometer-se patenteando, apregoando bem alto o seu poderio! Como eu invejo, odeio *esse* outro, o intruso a quem você pertence, que bebe os seus sorrisos, éle, o unico que tem direito aos seus beijos, às suas caricias, éle, enfim, a quem devemos ser gratos por consentir que nos escrevamos!

Concorde, boa Amiga, que é humilhante, revolta o viver assim, conter este ciúme aviltante, todo o fel que me escuma na alma!

Mas que importa tudo isso, se eu assim consigo le-la, falar-lhe, viver através as suas cartas *alguma coisa do amor que lhe ficou*?!

Que confiemos, diz você, porque aos infelizes, aos desgraçados, dá Deus também o dia de *amanhã*.

*Amanhã*, que palavra bela, tão cheia de promettimentos, mas infinitamente vaga!

*Amanhã* são pobres chimeras que se desfolham, são sonhos que se esfumam, se desvanecem como as ambições inabrangeveis!

Loucura!... Que ideia!...

Saiamos da letargia que nos entorpece, dissipemos a neblina que nos envolve e, encarando a realidade, veja você, vejamos, se podemos esperar no dia de *amanhã*...

Creia-me seu afeiçoado

Silva Cruz

## CINEMA CULTURAL E EDUCATIVO

Entre as muitas e notaveis descobertas scientificas que, nos últimos tempos têm assombrado a Humanidade, destacam-se a cinematografia e a T. S. F. tanto pela popularidade que rapidamente conquistaram como pelo interesse que continua despertando a sua constante evolução.

E à cinematografia, que quasi exclusivamente se tem mantido e desenvolvido no campo comercial e artistico, está sem dúvida alguma reservado um largo e brilhante futuro como meio de investigação e divulgação científicas tendendo ao mesmo tempo a tornar-se um poderoso factor de cultura e educação popular.

O que entre nós se tem feito ou tentado fazer no sentido de dar ao cinema o logar que justamente lhe compete como meio de propaganda científica e cultural é nada ou quasi nada comparado com o desenvolvimento que nalguns paizes, sobretudo na Alemanha, tem tomado o cinema educativo e até mesmo científico. Na Universidade de Berlim, por exemplo, faz-se já o ensino da Embriologia pela projecção de filmes, aliaz bastante dispendiosos e ainda de difficil realização, que reproduzem com uma nitidez de pormenores muito apreciavel toda a vida intra-uterina dos embriões de algumas espécies animais.

São também de origem alemã os poucos filmes culturais que, de vez em quando, aparecem nos ecrans dos nossos cinemas e que se limitam quasi sempre a reproduzir a maneira como se faz o desenvolvimento de uma determinada planta ou as particularidades da vida de certos animais.

Processos destes trazem ao estudo das Ciencias Naturais não só um extraordinário interesse como até uma facilidade de compreensão incontestável; e licito é esperar que, num futuro relativamente próximo, possam ser exibidos nos nossos estabelecimentos de ensino filmes que, tornando o estudo de alguns ramos da Ciencia mais proveitoso e interessante, não deixarão de contribuir eficazmente para o desenvolvimento da investigação científica no nosso país.

O cinema cultural e educativo requiere, por seu lado, das estâncias officiais a promulgação de uma série de medidas tendentes a torna-lo interessante e acessivel às classes operárias sobretudo da província que teriam nesse proveitoso e agradável passatempo um precioso antidoto da taberna que tão graves responsabilidades tem na criminologia e no definhamento da nossa raça.

J. T.

Este número foi visado pela  
COMISSÃO DE CENSURA

## O Verso

Todo o rapaz e rapariga, sente, por volta dos seus dezoito anos a necessidade quasi imperativa de fazer uma pequena composição poetica. Em geral, no rapaz, esta tendencia romantica, nasce na efémera voluta do seu primeiro cigarro, aí por alturas do seu primeiro namouro, e na mulher... na mulher... deve ser nessa idade curiosa em que a mulher é ainda uma gentil creança e a creança é já, uma formosa mulher.

É, porém, o verso ou a composição poetica em geral, pouco conhecida ainda nessa juvenil idade, deixando, com raras excepções, muito a desejar esses primeiros ensaios.

Mais tarde, porém, e subsistindo ainda esse desejo de versejar continuam faltando os conhecimentos, por assim dizer, técnicos e que não puderam ser adquiridos com a leitura dos outros, dos verdadeiros poetas, se bem que muita intuição artistica tenha sido adquirida por esse processo.

Pois bem: não é um tratado de Poética que pretendo expor-vos aqui, porque me escasseiam o espaço e os conhecimentos: é simplesmente um conjunto de noções elementares da versificação, que vos serão utilissimos não só nos ensaios que vireis a tentar, como também na leitura de qualquer poesia, na dicção oral de qualquer poema, que se tornará assim mais correcta e mais apreciada.

Verso ou metro é um conjunto de palavras, uma palavra só, um conjunto de sílabas, e até em alguns casos um monosílabo, com determinada disposição de acentos formando uma sequência harmónica e aprazivel.

Costuma o verso dividir-se em métrico e silábico; o primeiro é composto de pés, isto é, de partes com um certo número de sílabas, breves ou longas conforme a pronúncia, tendo sido este verso usado nas linguas latina e grega; o silábico é também formado por sílabas, mas com uma acentuação escolhida dando-lhe uma cadencia harmónica. O nosso verso é silábico.

Contudo para fazer uma divisão dos versos obedece-se mais vulgarmente aos seguintes critérios: o número de sílabas, a posição do último acento predominante, e segundo a correspondencia de sons ou rima.

Todos sabem o que é uma sílaba

gramatical, uma sílaba métrica e o que é uma liberdade poética tão usada para abreviar o número de sílabas gramaticais; pois bem o nosso verso pode ter desde uma a treze sílabas, tendo algumas destas categorias nomes especiais.

Assim o verso de quatro sílabas é chamado quebrado de redondilha menor; o de cinco—redondilha menor; o de seis—heroico-quebrado; o de sete—redondilha maior; o de nove—de *Gregório de Matos* (poeta brasileiro), o de dez—decassilabo ou heroico; o de onze—arte maior; o de doze—Alexandrino.

Dou, em seguida, a acentuação mais usada, nas principais espécies de versos.

Trez sílabas, com acento predominante na última; de quatro sílabas na 2.<sup>a</sup> e 4.<sup>a</sup>; de cinco na 2.<sup>a</sup> e 5.<sup>a</sup> muito harmoniosos, e na 3.<sup>a</sup> e 5.<sup>a</sup>; versos de seis sílabas na 4.<sup>a</sup> e 6.<sup>a</sup>; de sete na 2.<sup>a</sup> e 7.<sup>a</sup>, ou na 3.<sup>a</sup> e 7.<sup>a</sup> ou ainda na 4.<sup>a</sup> e 7.<sup>a</sup>; de oito na 4.<sup>a</sup> e 8.<sup>a</sup> ou na 2.<sup>a</sup>, 5.<sup>a</sup> e 8.<sup>a</sup>; de nove na 3.<sup>a</sup>, 6.<sup>a</sup> e 9.<sup>a</sup>; e de dez sílabas na 6.<sup>a</sup> e 10.<sup>a</sup>

O acento predominante ou acento tónico é a maior força com que é acentuada a vogal de um polissílabo. Quanto ao acento tónico, dividem-se os versos em agudos, graves e exdruxulos, conforme terminam numa palavra aguda, grave ou exdruxula.

Falta-nos, somente, dividir os versos segundo a rima ou segundo a terminação de sons.

A rima é um elemento que, embora dispensável, como o provam muitos e muito belos poemas, concorre, de forma importantíssima, para a harmonia do verso, por ser uma correspondência, mais ou menos perfeita, de sons nos vocábulos finais de dois ou mais versos.

Debaixo deste aspecto ficam os versos divididos em soltos ou brancos se não têm rima, e em rimados se terminam por vocábulos entre os quais existe a já citada concordância.

A rima divide-se em toante ou assoante, e consoante. Passarei, a partir deste momento, a exemplificar, deixando portanto de parte, com raras exceções, a definição por se tornar inútil e maçadora.

A rima toante ou assoante é aquela em que a concordância existe apenas na última vogal ou ditongo do acento tónico. Ex.: olhavam com rosados; mórbido com sarcófago.

A rima consoante, é a mais vulgar. Ex.: lume com perfume; parte com arte.

A rima, com respeito á distância entre os versos em que ela se dá, divide os versos em quatro espécies a saber: emparelhada, encadeada, cruzada e interpolada.

Seguem exemplos:

#### Emparelhada:

Cantando espalharei por toda a parte  
Se a tanto me ajudar o engenho e a arte.  
Camões.

#### Encadeada:

As flores d'alma que se alteiam belas  
Puras, singelas, orvalhadas, vivas  
Tem mais aroma e são mais formosas  
Que as pobres rosas num jardim cativas.  
Tomaz Ribeiro

#### Cruzada:

Para alguém sou lírio entre os abrolhos  
E tenho as formas ideais de Cristo;  
Para alguém sou a vida e a luz dos olhos  
E se na terra existe, é porque existo.  
Gonçalves Crespo.

#### Interpolada:

Descança! no frio leito  
do eterno repouso  
não te irá o sol formoso  
cada manhã despertar  
mas também da aurora a noite  
não calcarás os espinhos  
que em teus agrestes caminhos  
verias da flôr, a par.

Soares de Passos.

A rima deve ser utilizada conforme a composição poética que se pre-

## O CULTO DA SERPENTE (OFIOLATRIA)

### Conclusão

«Creio mesmo que algumas destas referências revelam-nos a existência de crenças totémicas entre as tribus proto-históricas do país, para as quais a serpente teria sido o *totem*».

«E' o poema bastante conhecido de Festus Avienus, *Ora Maritima*, que nos fornece dados para estas suposições.

Eis o texto do Avienus:

Haec (Ophisusa) dicta primo Oestrym-  
nis (est)  
locos et arva Oestrymnicis habitantibus,  
post multa serpens effugavit incolas  
vacuamque glaebam nominis fecit sui.  
(V V. 154-157)

«Os comentadores deste poema, inspirado como se sabe, num períplo do século VI (a J. C.), estão de acordo em identificar a região de *Ophiussa*, que nele cita, com a Península Ibérica, e o promontório deste nome com um dos cabos do litoral português (cabo da *Roca* segundo a maior parte dos autores).

«A palavra *Ophiussa* significa terra de Serpentes, como observam M. M. Schufen Carpenter e outros, nome derivado de grego, como os igualmente terminados em *ussa*, que estes deram a vários logares do Mediterrâneo ocidental (*Pitheussa*, *Ichnussa*, *Metussa*, *Cromiussa* e a *Cotinussa*).

«O poema de Avienus coloca o campo de *Ophiussa* ao norte dos Cynetas do Algarve».

Obermaier (*Die Dalmem Spaniens*) afirma que na Península Ibérica se encontram traços que se referem ao culto da Serpente prestado pelos povos nela existentes como atesta a *Anta do Corão* nas Astúrias onde se vêem gravadas linhas serpentinaes.

Perante toda esta documentação não nos resta dúvida alguma, que o culto da Serpente prestado pelos povos da Antiguidade Oriental, também se manifestou no território que é hoje Portugal e cujos restos nos atestam esses documentos petroglíficos semelhantes ao encontrado no Monte-Eiró, Antas de Sales Barroso—etc».

«Muitas foram nos tempos antigos as divindades que tiveram por atributo a serpente: Cneph, Esmum, Serapis, Plutão, Esculápio, etc. De todas, Esculápio mereceu um culto especial entre os helénicos representando o deus da Medicina, com o enigmático ofídio enrolado no bastão, mostra a serpente como atributo desta divindade indissolúvelmente a ela ligada.

No templo de Epidauro, onde lhes era prestado culto, as serpes serviam usualmente de augúrios.

Na mitologia grega, Jupiter, Baco, Plutão e o Sol, confundem-se numa só divindade e a serpe seria pois o atributo de qualquer deles, e por isso foi também convertida em constelação — Ophiucus — (B. Ferreira — op. cit.).

O culto da serpente aparece tam-

tende realizar, mas deve ter sempre a finalidade de tornar mais belos os versos, torna-os mais harmoniosos, apesar de termos já visto que o principal elemento que torna o verso harmonioso, é a sua perfeita e criteriosa acentuação. Não são, porém, exclusivamente estes os atributos da linguagem poética; ela deve ter todos os requisitos da linguagem em prosa, como a clareza, a precisão, a correcção, a pureza e tantos outros, destacando-se, porém entre todos a harmonia mecânica, que lhe dá como

bem na Gália, na Irlanda 1200 anos (A. C.), segundo Coffey ou ainda muito antes segundo Montelius.

Na Escandinávia, figura na sua mitologia a celebre *Serpe Meigard*, a qual é lançada ao mar por *Odin*, dando a volta ao mundo com a cabeça tocando a extremidade da cauda,

Na matemática, como símbolo do infinito, lá nos aparece a serpente mordendo a cauda em forma de oito deitado, ∞.

E, ainda nos últimos tempos figurou como símbolo na bandeira de Gabriel d'Anunzio, durante a Regência de Fiume.

Para finalizar não deixarei de transcrever esta parte bastante interessante da obra já citada do Dr. Betencourt Ferreira.

«Se esta significação cultural se perdeu ou atenuou muito através dos séculos, não desapareceu contudo

Ela revive nas ideias supersticiosas ácerca das serpentes, ideias que são, por assim dizer, substitutivas ou a degeneração do conceito religioso, principalmente quando êle descamba na mentalidade inculta do povo, povoado apenas de restos desagregados tradicionais que a imaginação alimenta e transforma, dando como resultado a lenda, a superstição e a credence, os amuletos, os talismans e os totens.

«A credence substituiu a crença religiosa e a superstição fez do símbolo um amuleto.

E' por isso que ainda hoje como vestígio ainda não apagado do velho culto da Serpente, nós encontramos com frequência espalhado entre as classes populares o uso de qualquer parte do ofídio, a servir de amuleto, mais vulgarmente a cabeça da vibora.

Na antiguidade, Plínio, Galeno e outros aconselhavam a carne das víboras contra as úlceras.

Na Idade-Média e mesmo em tempos modernos, acreditou-se muito nas virtudes dimanadas do corpo das cobras e daí a existência de semelhantes animais nos laboratórios ou lojas de Farmácia, vendo-se ainda em alguns destes estabelecimentos das circunscrições rurais.

A credulidade no pretendido vigor da cobra levada a terapêutica popular, empírica e medieval, a impingir aos doentes e aos fracos, sob a forma de caldos ou de pilulas, várias porções do corpo do animal e ainda como antidoto contra certos envenenamentos e peçonhas, principalmente contra os efeitos da mordedura de animais peçonhentos, pelo menos das víboras, o que constituía uma forma primitiva e felizmente obsoleta de opoterapia».

Quantas pessoas durante a leitura deste artigo, ainda com restos das velhas superstições, não terão dito; para cortar o azar:

Lagarto, lagarto, lagarto.

Carlos A. D. de Carvalho

que a doçura do estilo, tão característica nesta linguagem delicada.

E como se poderá adquirir a intuição desta harmonia?

Lendo, em primeiro lugar, as obras dos bons poetas, e em segundo lugar, conhecendo os erros ou os vícios a evitar.

Os versos que pecam por este defeito, classificam-se, por infelizmente serem muitos, em quatro grandes grupos: os versos frouxos, monófonos, cacafônicos e duros.

Exemplificando.

## Cá estou eu

Ouçam senhores, alerta  
Esta é de estarrecer!  
O Jagodes é poeta  
Não sabiam?!... Queiram ler

E vós leitora gentil,  
Bela, simples, graciosa,  
Enviarei-me beijos mil,  
Inspira-me nesta glosa

### Mote

A mulher é uma flor  
Que se toma com cuidado,  
Mais devagar, por favor,  
Ou então... estás desgraçado

### Glosa

Linda, gentil, donairoza  
Como um dia de ventura,  
Toda suave candura,  
Um sorriso côr de rosa  
'Smaltando a face mimosa  
Dum acre e belo sabôr;  
Risonho sonho de amor  
Sedução, feita virtude,  
Encantamento que ilude,  
A mulher é uma flor

Que desejos não desperta  
A *Deusa* que vos sorri,  
A mim, leitor, e a ti?!...  
A qualquer, sem ser poeta,  
A quem a *daninha* aperta,  
N'um círculo bem calculado  
E sabiamente estudado.  
Por isso eu, que nunca minto,  
Acho a mulher um absinto  
Que se toma com cuidado

Sabe prender, num gorgeio;  
'Scravisar numa carícia  
Com tão certa pericia  
Que nenhum foge ao aneio  
De possuir como esteio  
Essê vulto tentador  
Que mente dizendo amôr:  
Assim eu, amigo velho,  
Desde já te aconselho  
Mais devagar, por favor.

Olha que o caso é bicudo  
Se o consórcio vai avante...  
Os vestidos,—adiante—  
O casaco de veludo,  
E as joias, as peles, tudo!  
O homem arreliado  
Manda o casório ao diabo...  
Leitor amigo, não cases  
Pensa bem, olha o que fases  
Ou então... estás desgraçado

P. S. A ti, leitora bonita,  
Eu nego quanto afirmei  
Isto foi tudo uma lita...  
Foi porque em rima catita  
Melhor cousa não achei!

### Jagodes

Os frouxos são versos de composição fraca assemelhando-se á prosa.  
«Testemunho do meu ânimo grato»  
«As ilusões caíam inteiramente»

Os monófonos são caracterizados pelo emprego excessivo de palavras com a mesma vogal.

«Amargas âncias causa amar ingrata»  
«Vi poderios mil cair no olvido»  
Os cacafônicos onde existe o cacó-fato,

«Tens me já dado amor bastante»  
«E no leito portactil uma rica cama».

Os versos duros onde existem muitas consoantes ásperas.

«Entre si Rodes, Smirna e Colofónia».

Vê-se pois que a harmonia não advem, somente, das qualidades requeridas para o verso, a consonancia e a variedade, mas principalmente do chamado número poético, que mede, o espaço de tempo empregado a emitir os diferentes sons de que êle é composto, e também a adequada acentuação tão pouco vulgar nos... nos seus pueris ensaios poéticos.

Luiz Gonzaga

## Secção teatral

Ao iniciarmos a nossa Secção Teatral apaz-nos agradecer às Empresas que nos facilitaram a nossa tarefa concedendo-nos entrada nos seus teatros e esperamos que em breve este nosso agradecimento seja extensivo a todas.

Em breve ampliaremos esta Secção não só na parte respeitante ao Teatro, mas acrescentando-lhe outra consagrada ao Cinema.

Devagar se vai ao longe...

## Teatro Nacional

12-1-932

Prestes a terminar a sua carreira triunfal «S. João subiu ao trono» foi hoje representada em Festa de homenagem ao seu autor, Dr. Carlos Amaro, escritor que dum só passo se elevou até junto dos maiores valores da nossa dramaturgia contemporânea. A crítica de «S. João subiu ao trono» está feita, a sua suavidade, o conceito moral que insensivelmente leva o nosso espirito a fazer, a beleza que encerra da primeira à ultima cena foi por todos reconhecida.

Porem, pena é que a Empresa do Teatro Nacional não tenha dispensado um pouco mais de carinho á montagem da peça que por vezes, muitas vezes mesmo, é deficiente. Amelia Rey Colaço, Robles Monteiro e Antonio Pinheiro, deviam um pouco mais a si proprios e ao publico.

«O teatro atravessa uma crise» estribilho que já não é novo e que serve para justificar os prejuizos que as Empresas por vezes têm, mas quando tal estribilho é repetido deviam responder á pergunta que fica pendente: — Crise de quê? de autores, de artistas, de publico, e a verdade é que só por falta de orientação o nosso teatro atravessa uma crise.

S. João subiu ao trono com uma montagem tal como o seu autor nos deixa antever no livro, custaria algumas dezenas de contos, é certo mas duvidará demasiado da mentalidade da nossa geração quem disser que o resultado financeiro não corresponderia á despeza, e para se desmentir tal, basta vêr o interesse com que o publico tem acompanhado a peça enchendo a casa noites consecutivas e por aí se poderá calcular o entusiasmo que teria, se, a par da beleza literaria e da cuidada interpretação (que é justo não esquecer) lhe fosse apresentada uma montagem correspondente.

E ao terminar desejo sinceramente voltar a vêr em breve no cartaz o nome do Dr. Carlos Amaro.

K. Nif

## Ao comércio

Se queres boa freguesia  
Em vez dessa raça dúbia  
Não percas tempo, anúncia  
Teus productos no Aldrúbia

## A piada não é nossa

## Meiguice em demasia

Em Lisboa no Largo do Mattedouro costumava estacionar um cego pedinte que de uma vez se viu em calças pardas por causa de umas vacas tresmalhadas a cujas marradas quiz fugir.

— Não há por aí— gritava êle— uma alma cristã que me meta no fundo de uma escada?

Nisto uma vaca investe com o pobre cego, de tal forma que ferra com êle por uma porta dentro.

— Muito obrigado irmãozinho.

O que escusava era de ser com tanta fôrça.

## Bons ares...

O forasteiro: — a casa convem-me; mas faz-me falta mais uma cama. Somos sete pessoas.

O alugador: — Já dizia o mesmo o senhor que aqui esteve o ano passado; e quatro dias depois já lhe sobejavam duas camas.

Aqui o mar afoga muita gente...

## Estranha visão

Duas senhoras muito feias estavam à beira de um enfermo.

Êste viu-as e dirigindo-se, baixinho, a um amigo:

— Sinto que vou morrer ..

— Porquê homem?

— Porque li em vários livros que á hora da morte a gente não tem senão visões estranhas... e eu agora tenho-as medonhas!

## Fleugma

Um americano e a esposa entram num restaurant socegado:

— Garçon!... Um bife com batatas!

O criado afasta-se, pressuroso. Novamente batem palmas.

Volta-se. E' o americano que recomenda:

— Com muitas batatas... hein?

— Com muitas batatas, sim mister! — condescende o servidor.

Demora-se uns minutos e, quando vem com a iguaria pedida, nota espantado, a falta da senhora que acompanhava o freguês.

E' este que lha aponta: está estendida no chão, fulminada por uma apoplexia. Ao mesmo tempo o americano, diz imperturbavel:

— Garçon!... Varra a senhora e traga mais batatas!

## AOS DESPORTISTAS

Os melhores artigos nacionais e estrangeiros para

Basket, Esgrima, Foot-ball, Hockey, Rugby  
Tennis, etc., etc.

Aos melhores preços do mercado, só vende a casa

SPRIL

RUA DO LORETO, 34, 2.º

LISBOA

## Charadas

1  
Em francês passa indifrente  
Esta diversão ideal  
Morde as cadelas a gente  
E é um encôsto afinal. — 1, 1

2  
O homem não è de lá  
E tem um nome pomposo  
Olhem que em Londres não hà  
Este animal prestimoso. — 1, 2

3  
Nunca chora esta donzela  
Divaga na perfeição  
Leitor convive com ela  
Que è alegre até mais não. — 1, 2

4  
Anda, dá volta o aparelho. — 2, 2

5  
É filho do mesmo pai mas nem sou eu, nem tu, nem êle, nem nós, nem vós nem êles nem elas Como se chamará? — 2, 2

## Decifrações do 3.º número

- 1) soldado
- 2) azar
- 3) Lisboa
- 4) Ema
- (5) anémoma

## Espectaculos

## TEATROS

Nacional—21,30—«A Conspiradora»  
Trindade—21,30—«O Aldrabão».  
Gimnasio—21,30—«Na Sombra» e «Alta Comédia»  
Politeama—21,30—«O crime da 5.ª Av.»  
Avenida—21,15—«O burro do Sr. Alcaide»  
Apolo—20,30 e 22,30—«A cigana»  
Variedades—20,30 e 22,30—«Mexilhão».  
Coliseu—21—Variedades.

## CINEMAS

Olimpia—«Inferno dourado».  
S. Luiz—«A divorciada».  
Condes—«Os filhos».  
Central—«Ann e os carteiros»  
Tivoli—«Fatos e factos».  
Odéon—«O papá das pernas altas»  
Terrasse—«Espionagem».  
Royal—«Naufragio amoroso»  
Capitolio—«Em redor dum inquerito».  
Palacio Naufragio amoroso».  
Liz—«Harold trepa trepa».  
Paris cinema—«Em frente marche».  
Promotora—«Napoleão»  
Palatino—«Eldorado».  
Eden cinema—«O sr. Director»  
Europa cinema—«A Severa».

## Caixote do Lixo

A pensar no «Carnaval»  
Já ninguém pára um momento;  
E até os que dizem mal  
Desta quadra genial,  
A trazem no pensamento.  
A decrépita velhada,  
Esses então é que è vê-los  
A prostestar, em gralhada,  
Contra a pobre estudantada,  
Arrepelando os cabêlos.  
Relembrem, de olhos cerrados  
Recordam, saudosamente,  
Os ovos bem atirados,  
Com geitinho esborrachados  
Na cara de toda a gente.  
Isso sim, mas que gracinha...  
E com que enorme descôco,  
Na ponta de uma guitinha,  
Um alfinete se vinha  
Cravar na aba dum côco!...  
Havia graça ás carradas,  
Mas daquela muito fina...  
Não fossem lá as piadas,  
Indecentes, malcriadas,  
Ofender qualquer menina!...  
Muito, muito se brincava...  
E, nessa alegria louca,  
Nunca ninguém se lembrava,  
Nem p'la cabeça passava  
Meter confetti na bôca!  
Mas hoje tudo mudou,  
Constatam com grande mágua,  
E nenhum deles pensou  
Nos fatinhos que manchou  
Co' a seringa cheia de água!...

Laracha

Grande final da taça  
"Alvaro Costa"

Autorizada pela Federação  
Portuguesa de Box.

A festa que amanhã Domingo ás 21 Horas se realiza no Centro Escolar Republicano Magalhães Lima, largo do Salvador (a S. Tomé) promete ser sensacional, visto figurarem no cartaz entre outras as afamadas equipas do Club Português de Recreio e Desporto, Lisboa Ginazio Club e Escola Francisco Brito, que se fazem representar pelos magnificos amadores, Francisco Mexe, João Damas, Joaquim Lopes Junior, Alberto Afonso José Sequeira, Aluizio Falcão, João Carvalho, Antonio d' Andrade, Henrique Fernando, Rafael Gomes, Luiz Laureano, Damazio d'Oliveira, Antonio Silva, Cristovam Pereira, José d'Abreu e B. Freixo.

Haverá também um combate-exibição pelo boxeur Francisco Brito, profissional, a quem a festa é dedicada, com os seus magnificos discipulos, José Augusto Bochecha, Walter Preseler e Alfredo Azevedo.

Arbitrará todos os combates o arbitro oficial da F. P. B. Umberto Borges de Castro.

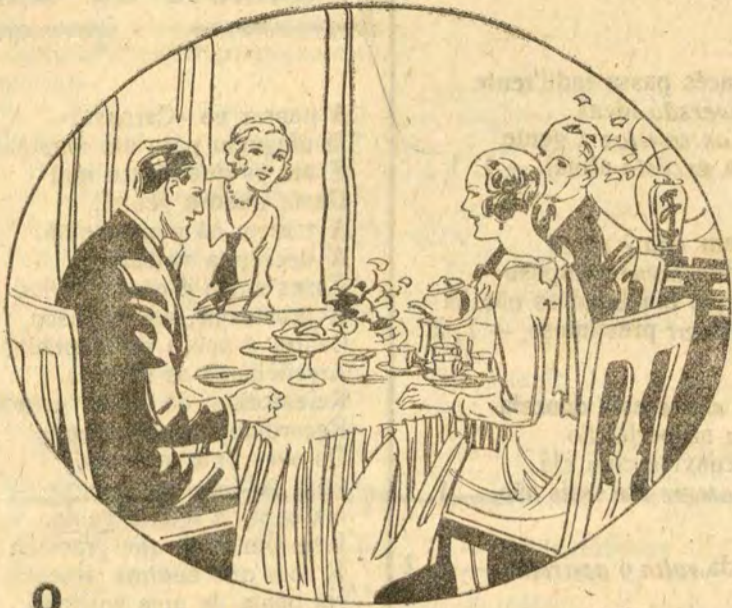
Quereis dinheiro?

Jogai no

Gama

R. do Amparo 51—Lisboa

Sempre sortes grandes!



**O Verdadeiro Acolhimento**

completa-se, oferecendo-se uma bebida agradável e que possua renome universal. A mesa de chá tornar-se-ha mais convidativa, mais distinta, se a qualidade for



## LIVRARIA FERIN

Fundada em 1840

**TORRES & C.<sup>TA</sup>**  
70, Rua Nova do Almada, 74  
Telefone 24422

Sortimento de livros nacionais e estrangeiros para o ensino Secundário e Escolas Superiores  
Artigos de Desenho, Esferas e Mapas  
Assinaturas para todos os jornais e revistas estrangeiras

## PENSAO FAMILIAR

F. A. DUARTE

Quartos bem mobiliados e boa comida, ou só comida  
Aceio e socêgo. Casa de muito respeito  
SÓ SE RECEBEM PESSOAS DE TRATAMENTO  
Rua Ivens, 49, 2.º e 3.º andar

LISBOA

Telefone 20783

## Perfumaria Universal, L.<sup>DA</sup>

Cremes e pó de arroz de todas as boas marcas

**PRODUCTOS BENAMOR E NALLY**  
Bijouterias

O maior e mais lindo sortido em colares, brincos, pulseiras, etc.  
**ROCIO, 101**



**RHEUMA**  
XAROPÉ PEITORAL  
CONTRA TODAS AS TOSSES

Instituto Pasteur de Lisboa | Rua Eugénio dos Santos, 81

## EXTRATO HERÓICO

Infalível nos tratamentos das Doenças Pulmonares  
Falta de Apetite  
Hemorragias  
Fraqueza Geral  
**DAVITA**

## H. C. SOUSA L.<sup>DA</sup>

Sempre novidades em

chapeus chics

Ultimas criações de Paris

Rua do Ouro, 216, 218 e 220, 1.º

Telefone 20560

## MAISON LOUVRE

Fatos e vestidos para creanças

Unica casa especialista no País

106, Rocio, 107

## AMADOR FOTOGRAFICO

**ROIZ, LIMITADA**

82, Rua Nova do Almada, 84

LISBOA

Telefone 24674

Sempre novidade em artigos fotograficos

A melhor casa do género no País

*Onde vives agora que estás  
com tão bom parecer?*

No

## Hotel d'Inglaterra